

UM MINUTO PRA FALAR DO MUNDO*Davina Marques**Ludmila Alexandra dos Santos Sarraipa*

O sabiá Teco vai fugir da gaiola em busca de um lugar melhor para fazer seu ninho (6º ano).

Tudo começou com uma parceria entre as autoras deste texto, professoras de Português e Geografia, do Ensino Fundamental. Pensando em unir os conhecimentos de cada área e a tecnologia, convidamos os alunos do 9º ano da Escola do Sítio, em Campinas/SP, para seguir caminhos de experimentação e assumir um papel mais ativo em seus registros, valendo-se de imagens para produzir um filme de um minuto sobre qualquer assunto que, de alguma maneira, os tivesse marcado durante o semestre.

O projeto teve alguns preparativos. Primeiramente, experimentamos a arte em nossas aulas, deixamos a arte nos tocar, fizemos a “leitura” de fotografias, de imagens, de obras literárias, acreditando que a arte poderia nos tirar do lugar, do senso comum, desterritorializando-nos do sistema da mera opinião. Estudamos os textos referenciais de Geografia, gráficos, tabelas, quadros, artigos. Lemos com atenção as obras literárias.

Pensamos o mundo e as relações entre os homens. Entre tantos assuntos estudados, escolher um tema não era fácil. Retomamos conceitos, aprendemos a trazer as idéias para o nosso cotidiano¹.

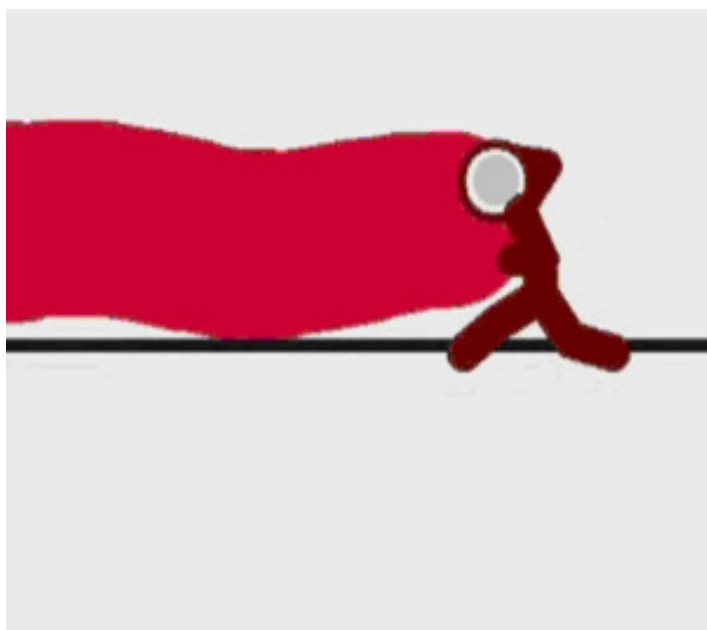
Já conhecíamos as vantagens de se trabalhar com tecnologia na escola: interação, autonomia e, sobretudo, motivação. Acrescente-se a esses fatores a facilidade da faixa etária com que lidamos no uso e no acesso aos materiais: câmeras digitais (até os celulares), computadores e a ferramenta de edição Windows Movie Maker. Decidimos adotar este último como recurso pedagógico.

Nossos objetivos eram: produzir um filme de um minuto com edição e roteiro orientados pelas professoras; trabalhar imagens e textos para inspirar produções; discutir aquilo que nos leva ao preconceito na análise social; ler o mundo e trazer à tona diferentes percepções e questionamentos que, na forma de filme, pudessem se apresentar mais livremente; entender o recurso do roteiro e da edição didaticamente para perceber a importância da revisão nos trabalhos que fazemos.

Assim, seguimos por linhas desconhecidas, pois não se sabia aonde o projeto iria chegar, propusemos um processo de pensar outro, uma “experimentação tateante” (no sentido deleuziano), ou um pensar produzindo, gerando filmes que contassem um pouco daquilo que incomodava aos nossos alunos ou que eles admiravam, ou ainda de temas que fossem dignos de destaque.

O nosso desafio foi de criar um “monumento”, emprestando as características que Gilles Deleuze e Félix Guattari (filosofia contemporânea francesa) atribuem à criação *artística*: “(...) *Um monumento não comemora, não celebra algo que se passou, mas transmite para o futuro as sensações*

¹ Por exemplo, uma dupla decidiu trabalhar com a globalização e acabou enveredando pelo mundo do trabalho formal e informal. Isso ainda era grande demais para alunos de treze anos e um filme de um minuto. Depois de uma saída para fazer as imagens, veio o tema mais delimitado: a formalidade na informalidade, em que se mostra a organização formal do comércio informal em uma área central da cidade, onde tivemos contato até com o Sindicato dos Camelôs.



Aproveitando o curso de animação oferecido pela escola, alunos constroem suas imagens no computador (6º ano).

persistentes que encarnam o acontecimento: o sofrimento sempre renovado dos homens, seu protesto recriado, sua luta sempre retomada.” (DELEUZE & GUATTARI, 2004, p.229).

Pulsamos junto com nossos alunos em outros territórios. Muitas linhas se cruzaram e fizeram pensar: “Pensar é experimentar, mas a experimentação é sempre o que se está fazendo — o novo, o notável, o

interessante, que substituem a aparência de verdade e que são mais exigentes que ela.” (DELEUZE & GUATTARI, 2004, p.143).

O roteiro foi o momento do planejamento maior do trabalho. O roteirista, no nosso caso, funciona como aquele que organiza o seu texto-imagem, planejando cenas, projetando e criando imagens, fazendo escolhas para que sua história possa ser contada de uma certa maneira e dentro do período pré-estabelecido. Os próprios alunos lembraram a palavra “rota” ao pensar no roteiro, como um norte para os trabalhos: contar uma história, com personagens; debater uma idéia, promover uma discussão, defender um ponto de vista; causar impactos. E enfim, trabalhar essas linguagens e a imagem visual, organizar a trilha sonora, para fazer um recorte e apresentar uma leitura do mundo.

A nossa proposta, afinal, era “fazer arte”. Fazer arte em pelo menos dois sentidos: criando um monumento estético, que já discutimos acima, algo que permaneça e continue nos provocando, apesar do tempo, um bloco de sensações. E fazer arte, brincar, explorar o que não conhecemos, experimentar caminhos ainda não percorridos, como crianças que somos e que gostamos de ser.

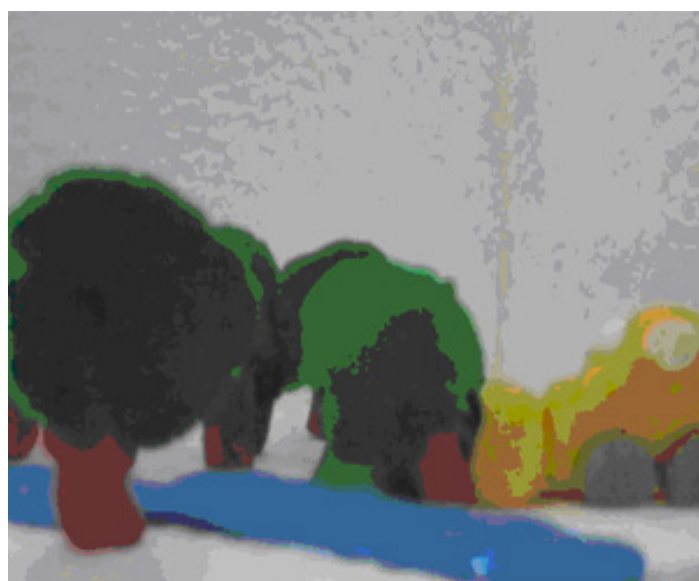
Isso tudo tem a ver com uma forma de pensar a educação. Para nós educar é criar espaço para perceber, estranhar, deslocar-se, é devir. E questionamos as interpretações, questionamos as representações, questionamos o senso comum, questionamos o caminho fácil. Buscamos linhas que nos permitam experimentar, sair do lugar... Escapar do território das aulas e explorar frinchas, aberturas, outras dimensões dos conteúdos estudados.

Nas aulas de Geografia e de Português, transformamos reflexões em produção em outras linguagens; outro fazer, fazer produzindo, argumentar, convencer. Expressar-se com ou sem palavras.

Educação-experimentação. Aprender... "Nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender." (DELEUZE, 2006, p.237). Nós, professores, podemos ensinar. Também verificamos quando alguém aprendeu ou não alguma coisa, via avaliação. Mas não controlamos o aprender. E nossos alunos mostraram recortes do que aprenderam, lindos trabalhos, curtos filmes que emocionaram e convidaram a outras produções. No final do primeiro semestre, o projeto era tão bem-vindo que foi ampliado a todos os alunos de 6º a 9º anos da escola. Estendemos também as possibilidades de conexões com outras disciplinas. Assim, algo que começou de maneira interdisciplinar começou a rasgar as fronteiras das disciplinas e das salas de aula.



Meninos mostram danças contemporâneas (8º ano).



Com massinha, alunos constroem sua argumentação (9º ano).

O resultado se concretizou em um Festival do Minuto, uma mostra com 47 filmes, para alegria dos alunos e da comunidade escolar. As imagens que acompanham este texto são fotos de alguns desses filmes, apenas para mostrar um pouco da variedade de assuntos e recursos que podem ser articulados em um projeto deste tipo.

.

✓ Davina MARQUES e Ludmila Alexandra dos Santos SARRAIPA: ¹ Mestre em História e Filosofia da Educação – Unicamp; Master of Arts in Curriculum and Teaching - Michigan State University - EUA; doutoranda na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, no Departamento de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, e graduanda na Faculdade de Educação – UNICAMP, Curso de Pedagogia - ² Mestre em Gestão Agroambiental – Instituto Agrônomo de Campinas; professora de Geografia no Ensino Fundamental.

Referências bibliográficas (ou textuais):

- DELEUZE, G; GUATTARI, F. O que é a Filosofia? Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 3ª reimpressão – 2004.
- DELEUZE, G. Diferença e Repetição. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. RJ: Graal, 2ª edição – 2006.